

Weiller Diniz

Informejb@jb.com.br

# Informe JB

Semana

## Cúpula do PMDB insiste em Sarney

O ANIVERSÁRIO DE MARLI SARNEY levou uma romaria de caciques do PMDB à casa do ex-presidente José Sarney depois da sessão que absolveu o senador Renan Calheiros (PMDB-AL), terça-feira à noite. Entre parabéns e quitutes, a direção do partido jogou confetes para que o ex-presidente concorde em suceder Calheiros, sob o argumento de ser o melhor nome para o atual momento.

Sarney tem dito publicamente que não há hipótese de aceitar e, reservadamente, recorre a outro argumento também pouco convincente. Tem afirmado que o ministro Marcos Vilaça, imortal como ele, está articulando a candidatura de Sarney à Academia Brasileira de Letras, e esse presente, sim, ele gostaria de receber no centenário de Machado de Assis. Mas Sarney não é casmurro, e o motivo pelo qual resiste não está ligado às suas pretensões literárias. O mandato atual de presidente não permite reeleição em 2009. Além de comandar um Senado que lembra a Casa Verde – o manicômio do absurdo do *Alienista*, de Machado de Assis – Sarney teria poucos meses de Simão Bacamarte, mas, mesmo assim, descreve amigo, estava “inclinado” e, depois, “entusiasmado”.

Mais do que o horizonte estreito, Sarney teria de enfrentar outros nomes do partido que ontem formalizaram suas candidaturas à presidência do Senado. Tanto Sarney quanto Renan Calheiros são hoje os maiores eleitores do PMDB, que tem a precedência para indicar o presidente. De 20 senadores, quatro são candidatos que só têm a certeza do próprio voto; e outros quatro rebeldes não se subordinam às deliberações da cúpula. Ficam apenas 12 eleitores, e sobre eles tem ascendência o duo Sarney/Renan. Garibaldi Alves (RN) tem o veto expresso da dupla e foi lançado pelo opositor Jarbas Vasconcelos (PE). Valter Pereira (MS) é tido pelo governo como “instável”, Neuto de Conto (SC) não empolga os caciques, ganhou até o apelido de “Neuto nem te conto”; e, por fim, Leomar Quintanilha é alvo de denúncias graves desde que assumiu o Conselho de Ética. O mais urgente, por ora, é tentar adiar a votação marcada para a próxima quarta-feira. O governo está em pânico, porque a sucessão embolou com a CPMF e pode atrapalhar ainda mais a sobrevida do imposto sobre cheques, que já está ameaçada.